

OS DISCURSOS INICIAIS DO (NEO?) INTEGRALISMO: ANÁLISE EM PROFUNDIDADE SOBRE UM DISCURSO DE PLÍNIO SALGADO EM 1961.

The initial discourses of (neo?) integralism: in-depth analysis of a speech by Plínio Salgado in 1961

Sergio Schargel¹

¹ Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, MG, Brasil; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: sergioschargel@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

Recebido em: 11 fev. 2023 | Aceito em: 14 nov. 2023.

RESUMO

Com quase cem anos dentro do debate público brasileiro, o Integralismo perpassou diversos estágios e ciclos, se modificando internamente conforme a época. Ao tomar como base teórica o livro de Gonçalves e Neto, *O fascismo em camisas verdes*, a proposta deste trabalho é produzir uma análise de conteúdo sobre um dos discursos de Plínio Salgado, no caso, o da Câmara dos Deputados em 1961. Nele, pronunciado poucos dias antes da renúncia de Jânio Quadros, Salgado se opõe a proposta de retomada de relações exteriores com a União Soviética. Tomando como objeto um material pouco analisado das fases mais tardias do Integralismo, é possível pensar nas alterações e permanências desse movimento, em particular após 1945, compreendendo seus principais argumentos, ao menos no plano discursivo.

Palavras-chave: Integralismo. Plínio Salgado. Neointegralismo.

ABSTRACT

With almost a hundred years within the Brazilian public debate, Integralism went through several stages and cycles, changing internally according to its time. Taking the book by Gonçalves and Neto, *O fascismo em camisas verdes*, as theoretical framework, the purpose of this work is to produce a content analysis on one of Plínio Salgado's speeches, specifically the one in the Chamber of Deputies in 1961. before Jânio Quadros resigned, Salgado opposed the proposal to resume foreign relations with the Soviet Union. Taking as an object a little analyzed material from the later phases of Integralism, it is possible to think about the changes and permanences of this movement, particularly after 1945, understanding its main arguments, at least in the discursive plane.

Keywords: Integralism. Plínio Salgado. Neointegralism.

INTRODUÇÃO

“Toda a História do Brasil, desde o Império até a República, é uma sucessão de equívoco”
(Salgado, 1961)

Seria preciso uma pesquisa inteira para explorar os motivos pelos quais o Integralismo fracassou enquanto o Fascismo e o Nazismo, ou mesmo o Bolsonarismo, tiveram sucesso no Brasil. Mas, por efeito da discussão deste artigo, é possível traçar algumas hipóteses. Para além de um possível caldo cultural não totalmente receptivo ao fascismo na época, mais propenso a um autoritarismo positivista nos moldes do Estado Novo, talvez a própria figura de Salgado tenha contribuído para o fracasso. Salgado era um homem franzino, pequeno, intelectualizado, tímido e indeciso. Bem distante das figuras histriônicas de Mussolini e Hitler, por mais que o Chefe tentasse imitá-los. Aliás, o viés intelectualista do Integralismo também pode ter ajudado a enfraquecê-lo, considerando a dificuldade no acesso à educação na época.

Vale lembrar que o Integralismo surge como uma espécie de dissidência do Modernismo, o que evidencia a importância intelectual do movimento. Inicialmente, Salgado, que era escritor e jornalista, juntou-se a figuras como Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo na oposição a Oswald de Andrade e seu *Manifesto Pau-Brasil*, interpretado como europeizante (Gonçalves e Neto, 2020, p. 11). A prosa nacionalista de Salgado encontrou eco em seus colegas, que fundaram o Movimento Verde-Amarelo, espécie de embrião do Integralismo. Apesar da ironia de posteriormente ter criado um equivalente brasileiro do Fascismo, o escritor desejava romper com as tradições artísticas europeias, e refundar a sua noção de brasilidade. O encontro de Salgado com Mussolini, no início dos anos 1930, foi fundamental à formação daquele que se tornaria o maior movimento de matriz fascista na América Latina, a despeito de praticamente toda nação ter tido um semelhante na época.

Marilena Chaui (2014, p. 52-53), ao investigar os motivos que contribuíram para a disseminação do Integralismo pelo território brasileiro, sustenta que sua preeminência estava, primordialmente, intrinsecamente ligada à classe média. De maneira análoga ao Fascismo, esses movimentos políticos encontraram na pequena burguesia seu principal esteio de apoio, ao pintarem um quadro onde se apresentava uma escolha onerosa entre uma realidade fascista e uma utopia comunista. No entanto, Chaui (2014), em diálogo com Héglio Trindade (1974), destaca uma peculiaridade no contexto brasileiro em relação à Itália: o Brasil abrigava uma classe média em ascensão socioeconômica e, paradoxalmente, essa camada não enfrentava uma ameaça substancial vinda da esquerda: “Frustrada como burguesia e sob a influência do clima ideológico europeu, a classe média brasileira teria posto para si o dilema ‘fascismo ou comunismo?’ sem que, no entanto, este correspondesse a uma situação realmente vivida pela classe” (Chaui, 2014, p. 53).

Quando retorna do exílio com o fim do Estado Novo, o Chefe busca se afastar a qualquer custo da agora incômoda imagem do nazifascismo. Tendo passado quase uma década em Portugal, embora inicialmente tenha tentado uma aproximação com o Nazismo — na prática, tentou flertar com os dois lados, de forma a não se indispor com o futuro vencedor da Guerra — quando volta ao Brasil, passa a comparar Nazismo com comunismo. Antecipando em muitos anos o discurso da extrema direita contemporânea de classificar o Nazismo como um movimento de esquerda, Salgado (1950) tratou de trabalhar o epíteto “socialista” no nome do Partido Nacional-Socialista, como forma de atacar a esquerda, colocando a agora desagradável imagem do nazismo, após o Holocausto e a Guerra, no mesmo balaio. Por outro lado, o catolicismo lusitano estava em voga, com António de Oliveira Salazar. Dessa forma, o Integralismo, após 1945, ao mesmo tempo tenta se afastar do nazifascismo e se aproximar do Estado Novo e do Integralismo português. O documento que publica em 1945, *Manifesto-diretiva*, tem justamente a intenção de fornecer direções para “o primeiro movimento de massa do Brasil” (Gonçalves, 2013, p. 01).

Ao retornar, tornou-se evidente que seu movimento político havia passado por uma transformação discernível. Como resultado, Salgado iniciou a formação de um partido político que ostentava a mesma sigla do antigo PRP, sob cuja bandeira havia sido eleito como deputado

estadual duas décadas antes. No entanto, em vez de Partido Republicano Paulista, este novo partido era o “Partido da Representação Popular”.

Nas eleições presidenciais de 1955, Salgado embarcou em uma campanha para o Executivo Federal, conquistando o quarto lugar. Sua candidatura conseguiu angariar cerca de 8% dos votos totais, um desempenho que o posicionou apenas a uma margem de pouco mais de dois milhões de votos do presidente eleito, Juscelino Kubitschek. Vale ressaltar que o hino de campanha de Salgado sintetizou de forma sucinta sua visão renovada do Integralismo nesta fase incipiente: “O homem vem aí / Está na hora de mudar / Vem o Plínio Salgado / Pro Brasil endireitar” (Gonçalves e Neto, 2020, p. 89).

Essa trajetória evolutiva na carreira política de Salgado, caracterizada pela transição do movimento Integralista para o Partido da Representação Popular, é emblemática das mudanças dinâmicas nos cenários ideológicos e políticos durante a era pós-guerra no Brasil.

VÉSPERA DE UMA CRISE

Em 1950, Salgado se candidatou ao Senado pelo PRP — a essa altura um partido institucionalizado que, por mais que aglomerasse os remanescentes da AIB, não era apenas um movimento disfarçado de legenda — em uma frente cristã, nacionalista e conservadora com o Partido Social Democrático (PSD) (Gonçalves e Neto, 2020, p. 83)². Não foi eleito. Tentou novamente em 1955, agora à presidência, e novamente fracassou. Conforme a candidatura de Salgado à presidência nas eleições de 1955 falhou, o Integralismo sofreu uma entropia. Ainda que tenha continuado a existir, foi relegado, como o próprio Salgado, a um plano menor. Sempre com algum respaldo e apoio popular, Salgado passou o resto de sua vida como deputado federal, contando com votos constantes para se reeleger ciclicamente. Também passou a atuar em outros campos além da política, tendo fundado uma editora (na qual realizou compêndios sobre o Integralismo em diversos volumes) e migrado à mídia com programas de rádio na Globo e em uma rádio de Assis Chateaubriand (Gonçalves e Neto, 2020, p. 88). Suas posições nacionalistas e autoritárias tampouco desapareceram, e Salgado não hesitou em migrar para o Aliança Renovadora Nacional (Arena) quando do Golpe de 1964. Antes disso, porém, em 1961, já falava da necessidade de uma “revolução, para repor a ordem em nosso país” (Gonçalves e Neto, 2020, p. 105), diante da crise institucional e política que se seguiu à renúncia de Jânio Quadros. Uma contrarrevolução, portanto, um autoritarismo do real para impedir o autoritarismo do possível, algo que será retomado posteriormente no revisionismo militar de Sérgio de Avellar Coutinho (2002), Araújo (2017), Bolsonaro (2018), entre outros. O Integralismo logo encontra consonância

² Essa não foi de longe a frente mais peculiar que seria formada pelo PRP, tendo o partido apoiado e recebido apoio do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) à campanha de Leonel Brizola ao governo do Rio Grande do Sul. Brizola chegou a declarar que não considerava o PRP um partido de direita, principalmente em relação a outros partidos como a União Democrática Nacional (UDN); além de promessas de cargos por parte de João Goulart (Gonçalves e Neto, 2020, p. 101). Esses exemplos evidenciam o quão institucionalizado o PRP se tornara, disposto a uniões pragmáticas que seriam impensáveis em sua época de AIB.

no anticomunismo da Ditadura Militar, que posteriormente seria, uma vez mais, reaproveitado no Bolsonarismo.

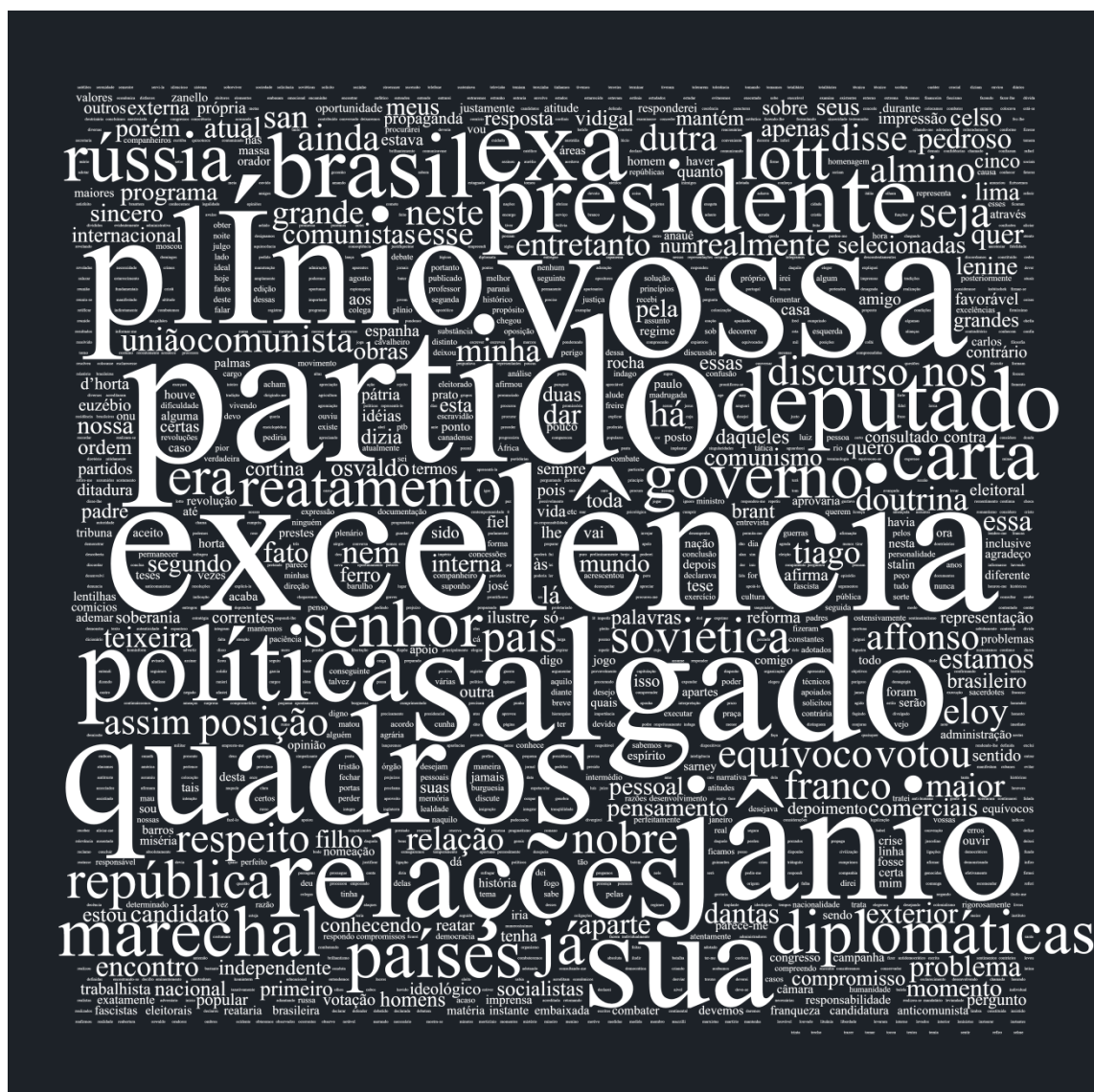
A Câmara dos Deputados registra diversos de seus discursos dessa época. O farto material, em oposição ao espaço escasso, torna impossível analisá-los todos. Por essa questão, será escolhido como material sobre o Integralismo o discurso de Plínio Salgado na antevéspera da renúncia de Quadros. Isto pela relevância histórica de um discurso proferido a poucos dias tanto da renúncia quanto da alteração para o sistema parlamentarista, bem como das preocupações, sempre presentes, de Salgado com o que via como ameaça internacional do comunismo. Vale lembrar que nas eleições de 1960 o PRP não apenas se colocou contra Quadros, como também o taxou de aliado do *comunismo internacional* (Gonçalves e Neto, 2020, p. 104).

Salgado (1961) não hesita em começar seu discurso proferindo o PRP como herdeiro direto do Integralismo, afirmando-o como forma atual de um legado de mais de 30 anos de vinculação doutrinária. Um dos pontos mais interessantes dessa reconstrução sobre os materiais de Salgado é perceber a constância do que talvez seja o principal ponto de congruência entre todos: o anticomunismo³. Mas, da mesma forma, como ele se altera sutilmente. Por mais que o espantalho geral de 1932 seja o mesmo de 1961, os alvos menores mudaram. E Salgado se adapta a eles. Se no *Manifesto-diretiva* equipara o Nazismo ao comunismo, como iguais, e no *Manifesto de maio* defende a necessidade de união nacional para combater esse mal, no discurso de 1961 o seu anticomunismo aparece sobre o país ter relações diplomáticas com nações do comunismo real — ao que ele se opõe veemente. Para Salgado (1961), manter relações diplomáticas com a URSS seria vender-se para o totalitarismo ateu e internacionalista, remodelando seu velho argumento de que o comunismo ameaça a unidade da nação, agora lançando mão também de defesa pelos “regimes democráticos”. Relações diplomáticas implicariam uma ameaça não apenas para o Brasil, mas para toda a América Latina.

O *Manifesto-diretiva*, em particular, talvez possa ser pensado como ponto de inflexão sobre o último ciclo do Integralismo. É a partir dele, como o nome indica, que o Integralismo manifesta suas diretrizes após a entropia e a Guerra. Diretrizes que mantém em larga medida neste discurso, e sobre as quais Salgado seguiria pelo resto da vida. Pois também aqui ele jura o Integralismo menos como um partido político e mais como uma cosmovisão, uma filosofia doutrinária baseada nos preceitos estabelecidos no *diretiva* (Salgado, 1961, p. 06). E, também neste discurso, retoma as afirmações que o Integralismo não é totalitário, mas antitotalitário, colocando-se em essência contra o comunismo e seus equivalentes (como o Nazismo). A nuvem e o gráfico de palavras ajudam a compreender um pouco o tom do discurso:

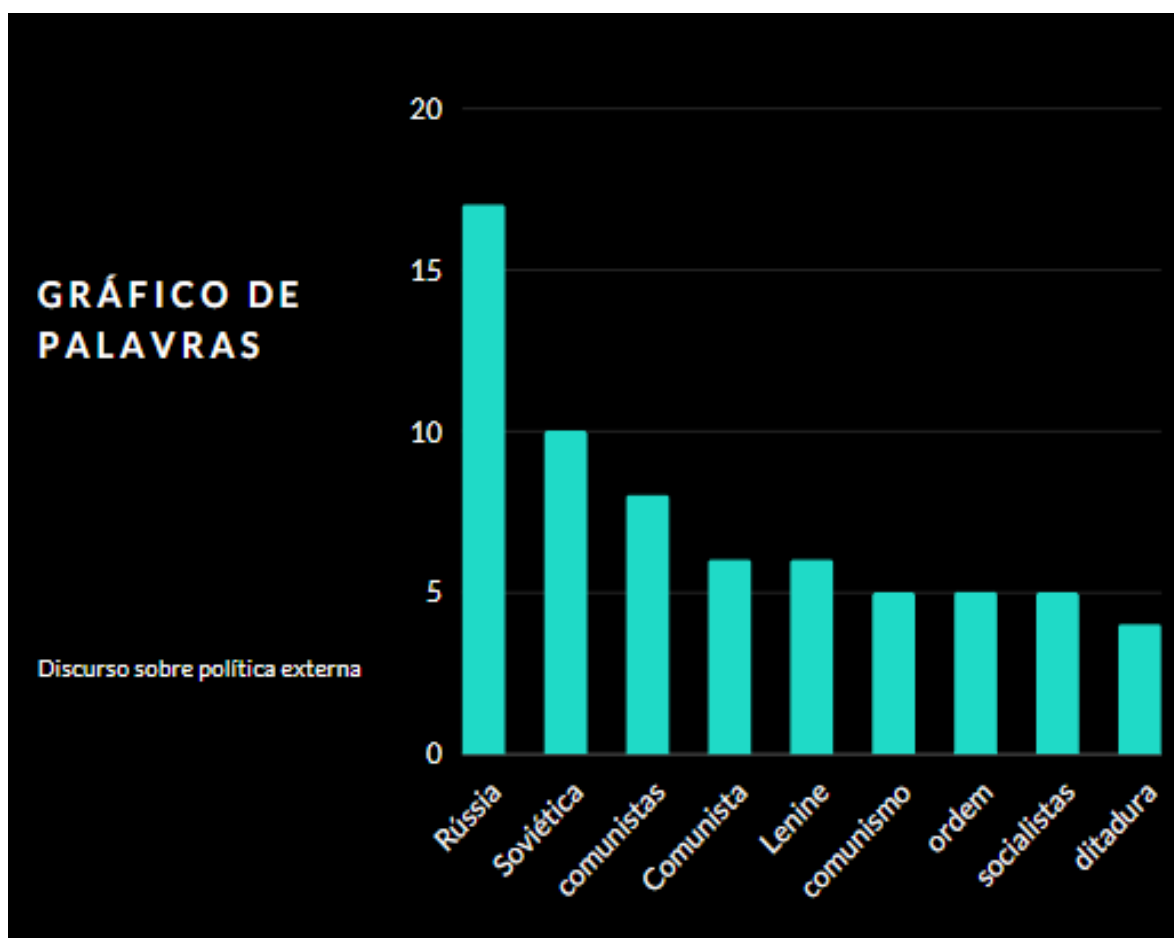
³ Contam Gonçalves e Neto (2020, p. 86) que na década de 1950 alguns centros ligados ao Integralismo em sua fase institucionalizada promoviam “cursos de combate ao comunismo”, “comunologia”.

Figura 1 - Nuvem de palavras sobre o discurso



Fonte: Elaborado pelo autor, através do *software* WordClouds.

Figura 2 - Palavras principais do discurso



Fonte: Elaborado pelo autor, através do software WordClouds.

Salgado é interpelado por um colega, Celso Brant, ex-Ministro da Educação de Juscelino Kubitschek, que questiona a preocupação com a política externa. Brant sugere que os comunistas que se devem temer estão dentro da nação, não fora dela. E que, nesse sentido, a crítica de Salgado sobre a política externa de Jânio Quadros é despropositada. Porque, segundo Brant, é culpa do próprio Quadros a existência de uma ameaça comunista: “se essa política levar o povo à miséria, terá contribuído muito mais para que o povo se encaminhe para uma solução de extrema esquerda do que o fato de haver, no Brasil, a embaixada soviética”, ou, como diz, “O comunismo vive dos nossos erros” (Salgado, 1961).

Retornando um dos traços clássicos de sua ideologia, Salgado, como um *mea culpa* por criticar a política externa do presidente, reafirma o seu respeito por uma estrutura hierárquica e disciplinar. Mais do que apenas isso, declara que o Integralismo é, em si, obediência “à autoridade constituída e da manutenção das hierarquias sociais e políticas” (Salgado, 1961). Por mais que seja uma distância do *Manifesto de outubro*, no qual assume que essa autoridade somente pode ser ele próprio, ainda mantém os mesmos traços de autoritarismo, hierarquia e estrutura disciplinar.

O que explica, mantendo o padrão, “ordem” ser uma das expressões que mais aparece de acordo com a análise feita na ferramenta *WordClouds*.

Um ponto que mostra o sinal dos tempos decorre de outra interferência sobre o discurso de Salgado, partindo do deputado Tristão da Cunha. Após Salgado dizer a nação está acima de tudo, razão pela qual apoiará qualquer líder eleito democraticamente, também anuncia que, mesmo assim, divergirá caso esse líder vá de encontro com os preceitos de sua doutrina. Daí incorre a intervenção de Cunha, que sugere que essas divergências são inevitáveis de um sistema presidencialista, e que este seria caracterizado pelo personalismo, com o qual Salgado concorda (Salgado, 1961). Para Cunha e Salgado, o sistema presidencialista, pelo personalismo consequente do voto direto das massas, acaba por se colocar em “crise permanente [...] Ela decorre do poder pessoal do Presidente da República. No mesmo regime, o presidente não vai ao governo executar o programa de um partido ou as ideias daqueles que o elegeram” (Salgado, 1961). Vale lembrar que pouco mais de uma semana depois, no dia 02 de setembro de 1961, a Câmara iria aprovar uma emenda constitucional instituindo o sistema parlamentarista no Brasil. A colocação tanto de Cunha quanto de Salgado, desta forma, não é coincidência, por mais que a renúncia de Quadros e a necessidade de controlar João Goulart ainda não tivesse efetivamente tomado lugar.

Para Cunha e Salgado, segundo as configurações do presidencialismo, o presidente estaria preocupado com os seus interesses, colocando os da nação em segundo plano. Em consonância com os preceitos do Estado Integral, portanto, Cunha ressalta que os interesses pessoais do líder no presidencialismo entram em choque com os interesses coletivos nacionais, enfraquecendo a nação em si ao propagar divisões sobre o individualismo. A crise em relação ao estabelecimento de relações diplomáticas com os países comunistas é tomada como exemplo sobre este ponto: Quadros, sugere Salgado, foi eleito pelo sentimento anticomunista da população e está, no momento, contrariando seus próprios eleitores. Por isso, diz Cunha, que o Parlamento fica de mãos atadas, pois “o Presidente tem o prazo determinado de cinco anos para permanecer no governo. Daí as revoluções constantes que tem sido história do Brasil”. Uma mudança para parlamentarismo se justificaria, para Cunha e Salgado, então, em três frentes: I) reforço da unidade nacional, dado que o presidente segue o seu programa e não um programa coletivo; II) instabilidade gerada por um chefe de governo com mandato fixo; III) democratizar o país, ao aumentar o nível de representatividade democrática, acelerar as decisões e mitigar o personalismo. Diz Salgado, concordando com Cunha e antecedendo parte dos argumentos que se disseminariam na Nova República sobre o presidencialismo de coalizão e uma suposta ingovernabilidade no país:

Agradeço o oportuno aparte de V. Exa. que exprime realmente a verdade. Quando, na Inglaterra, sobe o Partido Conservador ou Partido Trabalhista, nós, de antemão, sabemos que programa vai ser executado. O mesmo se dá nos Estados Unidos e em outros países. No Brasil, não havendo nenhum partido que possa sozinho eleger o Presidente da República, realizam-se coligações, alianças, donde a dificuldade do exercício do governo num sentido programático, ideológico (Salgado, 1961, p. 05).

Salgado é interpelado também por outro deputado, Eloy Dutra, vice-líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Resgatando o raciocínio do *Manifesto-diretiva*, e de acordo com preceitos que carregaria pelo resto da vida, Salgado defende-se das acusações de Dutra de que o Integralismo e o PRP seriam totalitários e antidemocráticos (Salgado, 1961, p. 05). Dutra havia apontado a contradição entre o PRP apoiar um candidato como o Marechal Lott em oposição a Quadros nas eleições de 1960, quando este também era apoiado por Luiz Carlos Prestes. Salgado, ecoando o material anterior, anuncia que o Integralismo não apenas não é totalitário, como, em sua essência, é antitotalitário; afastando as acusações do colega como uma confusão típica do Brasil, onde não se sabe distinguir a forma e conteúdo dos partidos. Para isso, uma vez mais repetindo suas ideias, Salgado (Salgado, 1961, p. 06) lança mão do imaginário do “homem de bem”.

No Brasil, como diz Salgado, “vive-se de equívocos. Toda a História do Brasil, desde o Império até a República, é uma sucessão de equívocos” (Salgado, 1961, p. 08). Justifica o seu apoio a Lott por uma confusão do eleitorado: a massa havia votado em Quadros tomando-o por anticomunista quando, na realidade, não o era. Mas, contraditoriamente, afirma que dessa forma a massa que votou em Quadros tomando-o por anticomunista não está de acordo com os laços diplomáticos com a URSS. Uma contradição que é apontada por José Sarney: “Portanto, o povo brasileiro votou no Sr. Jânio Quadros conhecendo o pensamento de Sua Excelência, que está, assim, sendo mandatário da vontade do povo brasileiro” (Salgado, 1961, p. 08).

O debate se torna progressivamente mais virulento, conforme o verniz de civilidade vai sendo borrado. Crescem as acusações de que o Integralismo e Salgado estariam aliados a países fascistas como a Espanha, como sugere o deputado Paulo Freire, ou, no mínimo, revelando uma hipocrisia de preocupar-se apenas com a violência de ditaduras comunistas. Tanto Paulo Freire quanto Eloy Dutra retornam à questão das matrizes fascistas do Integralismo, sugerindo a contradição de Salgado se colocar como antitotalitário. Como uma competição, afirmam que ditaduras de direita como a de Franco mataram “mais gente do que Fidel Castro” (Salgado, 1961, p. 12). Justifica o deputado Freire que se o Brasil mantém relações com países como o Paraguai, então não pode escolher arbitrariamente se afastar de relações com nações comunistas: “não há motivo para combater as relações com as repúblicas socialistas, quando as mantemos com países fascistas, como a Espanha” (Salgado, 1961, p. 12).

Eloy Dutra compartilha e reforça o pensamento do colega, argumentando que importa menos o partido do que a ideologia. O que forma, no processo, a contradição de se colocar a favor da democracia ao mesmo tempo em que se aplaude os “genocidas Franco e Stroessner” (Salgado, 1961, p. 13). Dutra vai além, reiterando que, no Brasil, a retórica do anticomunismo é utilizada como espantalho “para que os grupos econômicos e as forças reacionárias mantenham o Brasil nesse estado de escravidão e miséria” (Salgado, 1961, p. 13). As relações com os países comunistas, portanto, desde que com respeito sobre a soberania brasileira, seriam perfeitamente naturais; e a oposição hipócrita a este ponto apenas revelaria a verdadeira função do

anticomunismo: uma histeria baseada em manter intactas as estruturas de poder seculares do país.

Salgado se esquivava ao admitir-se, ao menos parcialmente, como fascista. Pois, diz, que se ser anticomunista e nacionalista é ser fascista, então ele o é perfeitamente (Salgado, 1961, p. 15). A grande diferença, para o Chefe, dos países autoritários/fascistas em relação aos países comunistas, é que os segundos estabelecem a Internacional com influências e partidos sobre a soberania das demais nações. Ou seja, esquivando-se da contradição de apoiar autoritarismos e se afirmar democrata, Salgado proclama que os partidos fascistas não ameaçam a unidade e soberania brasileira, ao contrário da Rússia — ecoando, no processo, o velho imaginário dos “agentes de Moscou”, tão visto nos outros materiais. É preciso, para isso, impedir que o Brasil “seja contaminado pela doutrina pior, mais anti-humana e sanguinária que registra a história da humanidade” (Salgado, 1961, p. 15). Dutra pergunta se o comunismo seria mais violento do que o regime de Franco, ao que Salgado responde afirmativamente — ainda que diga ser “execrável a ditadura de Franco” —, pois, para além da violência, o comunismo, como ateu, a direciona sobre a religião:

Aceito que devemos ser contrários à ditadura de Salazar. Aceito porém pergunto: têm organização internacional do tipo de Kominform? Eles têm partidos dentro de nosso País? Não! [...] Quem representa perigo é quem mantém partido dentro de outros países. E é a Rússia que a mantém, Senhor Deputado [...] Se ser fascista é defender a Pátria, se é evitar que ela caia na maior escravidão do mundo, estão todos os homens de bem serão fascistas [...] Estou adotando a terminologia do Komintern, dicionário enciclopédico, onde se lê: Fascismo — toda realização contra a revolução do proletariado (Salgado, 1961, p. 15-16).

Outro deputado, Osvaldo Lima Filho, questiona Salgado, já que seu argumento se baseia na violência que a Rússia impõe sobre a religião, sobre as relações do Brasil com a África do Sul. Salgado, por sua vez, alega que Lima Filho está fugindo do argumento principal, evocando uma imagem que não contribui ao debate. Perto da violência que a Rússia impõe, a África do Sul é praticamente irrelevante. Consolida, por fim, os princípios nacionalistas e cristãos do Integralismo, ratificando que a oposição à Rússia se dá pelo interesse deste país influenciar e dividir a união nacional e afastar o país “sob a égide de Cristo” (Salgado, 1961, p. 16). Salgado encerra, como não poderia deixar de ser, com o seu tradicional “Anauê!” (Salgado, 1961, p. 16).

Nota-se, assim, como o discurso mantém grande parte das estruturas discursivas e retóricas dos materiais anteriores, a despeito das inevitáveis modificações e “suavizações” que o Integralismo sofreu com os anos. Persiste o anticomunismo como preceito essencial, o nacionalismo, o cristianismo e a relação ambígua com o fascismo. Adiciona-se elementos novos, como o parlamentarismo. Mas, assim como foi visto no Fascismo, o grosso argumentativo se mantém em constância. Por fim, essas foram as principais características apreendidas sobre o discurso de 1961:

Tabela 1 - Características identificadas no discurso

<p>Discurso sobre política externa</p> <p>Sexto ciclo: parlamentar (1957-1964)</p> <p>Quinto estágio: entropia</p>	
Conceito	Característica
Anticomunismo	<p>Contra o estabelecimento de relações diplomáticas com países “totalitários”</p> <p>Sugere que a violência comunista é pior do que a dos demais autoritarismos</p> <p>Comunismo como ameaça ao cristianismo</p>
Autoritarismo	<p>Exalta a autoridade e as hierarquias políticas</p> <p>Maniqueísmo: utiliza o imaginário do homem de bem</p> <p>Afirma o Integralismo como antitotalitário</p>
Democracia liberal	Defende a democracia liberal sobre forças comunistas
Fascismo	<p>Afirma que se fascismo é se opor ao comunismo, então todo homem de bem, nacionalista e anticomunista será fascista</p> <p>PRP como personificação do Integralismo</p>
Nacionalismo	<p>Destila a paranoia da destruição nacional pela ofensiva comunista</p> <p>Comunismo como ameaça às “tradições cristãs da nacionalidade”</p>
Parlamentarismo	<p>O presidencialismo impõe interesses individuais em detrimento do coletivo uno</p> <p>O presidencialismo favorece o personalismo</p>
Reacionarismo	<p>Retórica da ameaça: o comunismo como ameaça invisível contra a nação</p> <p>Retórica da perversidade: manter relações diplomáticas com países comunistas irá enfraquecer a soberania nacional</p>

Fonte: Elaborada pelo autor.

“NEO” INTEGRALISMO E BOLSONARISMO

Mas, como diz a máxima: nada se perde, tudo se transforma. Após a morte de Salgado na década de 1970, o Integralismo foi fragmentado em vários grupos independentes. A ausência do Messias como elo de união permitiu a ascensão de dissidências, cada qual com uma interpretação idiossincrática da doutrina do sigma. O Integralismo nunca desapareceu completamente da vida pública (assim como o Fascismo na Itália e, em menor grau, o Nazismo na Alemanha). Com a redemocratização, houve a tentativa de refundar um partido integralista, o Partido de Ação Integralista (PAI). O projeto fracassou, mas antes o PAI ainda tentou cooptar Miguel Reale e lançá-lo como candidato — na tentativa frustrada de aglomerar as facções em torno de um novo Messias, intrinsecamente identificado com o auge do Integralismo —, mas o jurista, que há muito buscava se afastar do Integralismo, rechaçou a ideia (Gonçalves e Neto, 2020, p. 132).

Alguns desses grupos são mais extremistas, associados a grupos nazistas e antissemitas, outros mais contidos e afirmam ser democráticos⁴. Um desses grupos, o Comando da Insurgência Popular Nacionalista, foi o responsável pelos ataques à UNIRIO e à produtora Porta dos Fundos. Integralistas contemporâneos fragmentados foram absorvidos por outros partidos e movimentos políticos nacionalistas, como o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (Prona) e o Partido Social Liberal (PSL), ex-partido de Bolsonaro. Um dos terroristas dos ataques era filiado ao PSL (G1, 2020). Outro ativista Integralista faz parte de um dos ministérios do governo Bolsonaro (Alves, 2020). Carlos Jordy, deputado Bolsonarista, afirmou em 2018 que o Integralismo “teve importância muito grande para o nosso país enquanto vigorou. Vivíamos sob ameaça do comunismo, que vilipendiava os valores morais, da família e religião. Era uma proposta genuinamente brasileira” (Gonçalves e Neto, 2020, p. 188-189). Grupos Integralistas realizaram passeatas e manifestações de apoio ao presidente brasileiro, considerado como “ao candidato menos distante dos valores cristãos e brasileiros consubstanciados no lema ‘Deus, pátria e família’” (Gonçalves e Neto, 2020, p. 19). Ou seja, por mais que tenha diminuído em poder e influência, resquícios do Integralismo foram absorvidos pelo Bolsonarismo.

Como sugere Neto em entrevista ainda não publicada, em geral os neointegralistas vinculados a Barroso tendem a circular também entre os setores do negacionismo do Holocausto — uma consequência natural, considerando o antissemitismo explícito do político cearense. No entanto, às outras tendências neointegralistas, a imagem de Barroso acaba por ser desagradável em algum nível. A Frente Integralista Brasileira, por exemplo, talvez a maior corrente hoje em dia, busca se afastar dessa questão. Se não apagam Barroso por completo, chegam a modificar seus escritos para apagar os aspectos antissemitas e termos associados com judaísmo. Isso acaba por

⁴ A Frente Integralista Brasileira (FIB), principal entidade Integralista na atualidade, por exemplo, censura os textos de Gustavo Barroso, excluindo os termos antissemitas (Gonçalves e Neto, 2020, p. 174). A FIB, inclusive, em oposição a outras facções Integralistas como o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B), defende a participação política direta dos Integralistas, mesmo dentro de outros partidos. Em suma, propõe uma mudança a partir do próprio sistema político, em vez de uma ruptura (Gonçalves e Neto, 2020, p. 178).

criar uma esquizofrenia retórica em que elementos do antissemitismo são claros, ao mesmo tempo em que as palavras e enunciados são censurados:

A forma com que Barroso enxergava o mundo, mesmo para além de qualquer enunciação da questão judaica, judaísmo, sionismo, e assim por diante, é fundamentalmente antissemita. Então mesmo que esses grupos retirem a exterioridade a partir de termoyis como “judeus”, “judaísmo”, “sionismo”, e assim por diante, uma visão conspiracionista em muito associado a elementos canônicos para o antissemitismo político, como os Protocolos dos Sábios de Sião, se tornam fundamentais ao Integralismo barrosiano. [...] Eles podem apagar a exterioridade do antissemitismo, mas uma dimensão mais estruturante desse discurso, desse imaginário político, torna-se bastante evidente (Neto, 2023).

Ademais, é natural que o “neo” integralismo também se adapte ao seu próprio tempo. Vimos alguns reflexos desses processos no passado, mas o seu recrudescimento contemporâneo é consequência direta da ascensão da extrema direita no país. Os meios digitais, tão caros ao Bolsonarismo, também se tornaram ferramentas de disseminação para o neointegralismo, como já chamava atenção Natalia Reis ainda em 2007. Seja por meio de fóruns de discussão teórica de obras clássicas de Salgado ou Barroso, cooptação de novos membros por meio de redes sociais, ou vídeos com a visão integralista sobre a conjuntura política nacional e internacional, membros novos e antigos permanecem ativos, nunca deixando o movimento desaparecer por completo, mesmo depois da entropia que sofreu com a morte de Salgado. Sempre acenando ao Bolsonarismo, embora crítico em alguns pontos que o diferem de outros movimentos de extrema direita. O antiliberalismo do Integralismo/fascismo permanece em alguma medida, como quando criticam as políticas liberais de Paulo Guedes, embora, assim como contrapartes fascistas do passado, os neointegralistas não hesitem em aderir a outro projeto autoritário de extrema direita, visto como uma alternativa mais próxima de suas visões e contra o inimigo em comum da esquerda.

Aliás, o Bolsonarismo, ele próprio, não é uma causa, mas um sintoma de uma tradição nacional autoritária. Movimentos de extrema direita que vão do simples nacionalismo autoritário ao nazismo vêm sendo gestados e ganhando força no Brasil há pelo menos 20 anos, desde que o Enéas, considerado um herói pelos Bolsonaristas, foi eleito em recorde em 2002, com 1,5 milhão de votos. Pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Adriana Dias (2018), registrou aumento exponencial de células do Nazismo na última década no país, chegando a pelo menos mais de 300. Mas faltava um Messias com apelo personalista para encarnar esses sentimentos e com foco para além de pequenos círculos⁵. Assim, Bolsonaro surge como um *outsider* apesar de seus 30 anos de política, conseguindo o apoio de setores fundamentais do centro e da direita tradicional, de liberais a conservadores.

⁵ Grupos abertamente nazifascistas já viam Jair Bolsonaro como esse líder em potencial há bem mais tempo, conforme uma manifestação realizada em 2011 de apoio ao então deputado, no Museu de Arte de São Paulo. Bolsonaro era considerado como “o único Deputado que bate de frente com esses libertinos e Comunistas!!!” (UOL, 2011).

Embora não esteja diretamente ligado ao Integralismo, o Bolsonarismo recicla aspectos tradicionais de seu antecessor. Além de diversos pontos em comum, até mesmo os lemas são reciclados. “Deus, pátria e família”, lema do Bolsonarismo, aparece originalmente no Integralismo (Gonçalves e Neto, 2020, p. 221). O mesmo vale para “Deus acima de todos”, enquanto “Brasil acima de tudo” não pode deixar de lembrar “Deutschland über alles” da Alemanha Nazista. Suas repetidas citações de sentenças e frases de Mussolini, se não implicam que Bolsonaro seja de fato uma versão brasileira do fascismo, indicam pelo menos proximidade ideológica.

A seita Bolsonarista, entretanto, é paradoxalmente heterogênea. Uma seita que engloba grupos absolutamente distintos e contraditórios, de reacionários a fascistas, de conservadores a libertários, de neopentecostais a católicos, cada um com sua própria agenda de interesses unidos pelo desejo de mudança por meio de um homem forte. Embora seu apoio seja especialmente forte em alguns setores, como entre os neopentecostais e a pequena burguesia, o Bolsonarismo se espalha por toda parte em uma onipresença ideológica que conseguiu capturar, em um de seus muitos oximoros, até porções de lulistas e eleitores geralmente identificados com a esquerda. Bolsonaro foi eficaz em amalgamar o ressentimento e a frustração desses diferentes grupos, bem como suas esperanças e projeções, transformando-os em energia política, a ponto de os liberais, por exemplo, não hesitarem em, ao contrário de sua própria ideologia, desistir seu ideal de liberdade, mesmo que tentem se vender como uma ala técnica dissociada do resto da seita.

Para concluir, duas tabelas. A primeira traz o Integralismo distribuído em respectivos ciclos temporais. A segunda, um resumo das principais características apreendidas sobre diferentes materiais do Integralismo, mostrando as reconstruções, ausências e permanências no pensamento Integralista.

Tabela 2 - Ciclos e estágios do Integralismo

Estágios	Ciclo	Material analisado
Criação	Embrionário: 1922-1932	Manifesto de outubro
Enraizamento	Disseminação: 1932-1937	Discurso de candidatura
Chegada ao poder	Estado Novo: 1937-1938	Manifesto de maio
Entropia	Exílio: 1938- 1945	
	Retorno e nova tentativa de voltar ao terceiro estágio: 1945- 1957	Manifesto-diretiva
	Parlamentar: 1957-1964	Discurso sobre política externa
	Ditadura: 1964- 1974	
	Cisão: 1974- 2018	
Entropia	Bolsonarismo: 2018-	
	Ditatorial: 1924-1932	Discurso sobre Matteotti
	Imperial: 1932- 1939	Doutrina
Radicalização	Nazifascismo: 1939-1945	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 3 - Características identificadas em alguns materiais do Integralismo

Características	Manifesto de outubro (1932)	Discurso de candidatura (1937)	Manifesto de maio (1938)	Manifesto-diretiva (1945)	Discurso sobre política externa (1961)
Antiateísmo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Anticomunismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Antiliberalismo	Forte	Forte	Forte	Fraco	Fraco
“Antitotalitarismo”	Ausente	Ausente	Ausente	Forte	Forte
Autoritarismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Autoritarismo - Estrutura hierárquica do “grande pai”	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Autoritarismo - Messianismo	Forte	Forte	Forte	Fraco	Ausente
Belicismo/tanatofilia	Forte	Forte	Forte	Forte	Fraco
Conspiracionismo paranoico	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Corporativismo	Forte	Forte	Médio	Fraco	Ausente
Cristianismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Desumanização de inimigos objetivos	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Estado Integral	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Integralismo como cosmovisão e filosofia	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Liberalismo	Fraco	Fraco	Fraco	Médio	Médio
Maniqueísmo - “homem de bem”	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Massificação	Forte	Forte	Forte	Forte	Fraco
Nacionalismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Nacionalismo - Família como sustentáculo nacional	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Parlamentarismo	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Forte

Retórica da ameaça	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Reacionarismo - nação degenerada	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte

Fonte: Elaborada pelo autor.

CONCLUSÃO

Em 2020, o Integralismo retornou às manchetes após um atentado contra uma produtora. Nunca tendo desaparecido, mas se fragmentado com a morte de Plínio Salgado, o integralismo possui pontos de interseção e diálogo com outros movimentos de extrema direita, como o bolsonarismo e o próprio nazifascismo. Para Odilon Caldeira Neto e Leandro Pereira Gonçalves (2020), a morte de Salgado fragmentou o movimento de modo a dividi-lo em distintas correntes, em permanente tensão.

O Integralismo, assim como o Bolsonarismo e outros semelhantes, é um movimento multifacetado, com diversas correntes internas em constante conflito. Como resultado, se reconstruiu em constante desde a sua fundação com o *Manifesto de outubro* em 1932. Algumas dessas mudanças se destacam: quando passa a tentar se afastar do nazifascismo, após 1945, quando Plínio Salgado morre e o movimento se fragmenta, e quando é parcialmente absorvido pelo Bolsonarismo.

Neste sentido, torna-se complexo falar em “neo” integralismo, quando o movimento esteve em permanente mutação. Ademais, é complexo até localizar qual seria o ponto de inflexão histórico que permitiu o uso do prefixo. A perseguição do Estado Novo? O retorno de Salgado? A morte de Salgado? Esses três, longe de esgotarem as possibilidades, são apenas exemplos de momentos paradigmáticos em que o Integralismo foi forçado, por lógica ou necessidade, a se adaptar. O discurso aqui analisado exemplifica essas permanências e dissidências internas, preocupações ligadas à conjuntura e adaptações de acordo com o contexto. Se antes a ligação com o Fascismo era essencial, após 1945 ela se torna incômoda. De toda forma, é fato que sem o Chefe, o Integralismo perdeu as diretrizes que uniam suas correntes internas, e se fragmentou e enfraqueceu, embora nunca tenha desaparecido por completo do espaço público e da política.

A proposta deste trabalho foi levantar o debate sobre algumas dessas reconstruções, tomando como objeto um discurso pouco trabalhado dentre os materiais integralistas. Dessa forma, foi possível analisar em profundidade suas principais características, bem como pensar na simbiose que, após 2018, o Integralismo passa a promover com o Bolsonarismo. Em que pese o segundo ser um movimento novo, é fundamental olhar para antecedentes e semelhantes do passado e do presente, no Brasil e no exterior, para compreendê-lo em todas as suas potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, C. (2020). Movimento fascista, integralismo tem adeptos na órbita do governo Bolsonaro. *UOL*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2020/02/02/as-ligacoes-do-integralismo-com-o-governo-bolsonaro.htm> [Acesso em: 06 mar. 2022].

Araújo, E. H. F. (2017). 'Trump e o Ocidente', *Cadernos de Política Exterior*, n. 06. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/CADERNOS-DO-IPRI-N-6.pdf> [Acesso em: 20 set. 2021].

Bolsonaro, J. (2018). *Projeto Fênix*. Disponível: <https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/10/plano-de-governo-jair-bolsonaro.pdf> [Acesso em: 01 mai. 2021].

Chaui, M. (2014). *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Coutinho, S. A. De A. (2002). *A revolução gramscista no Ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci em os Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Estandarte Editora E.C. Ltda.

Dias, A. (2018). *Observando o ódio: entre uma etnografia do Nazismo e a biografia de David Lane*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Gonçalves, L. P. (2013). “Plínio Salazar?” O Integralismo luso-brasileiro de Plínio Salgado’. *XXVII Simpósio Nacional de História Anpuh, Natal*. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364689605_ARQUIVO_PlinioSalazarointegralismoluso-brasileirodePlinioSalgadoANPUH.pdf [Acesso em: 19 ago. 2023].

Gonçalves, L. P.; Neto, O. C. (2020). *O Fascismo em camisas verdes: do Integralismo ao neoIntegralismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

Neto, O. C. (2023). *Entrevista não publicada concedida ao autor*. Juiz de Fora.

Reis, N. (2007). “A ideologia do sigma hoje. Neo-integralismo, intolerância e memória”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 46, p. 113-138.

Salgado, P. (1950). *O Integralismo perante a nação*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira.

Salgado, P. (1961). *Discurso proferido na sessão de 23 de agosto de 1961, publicado no DCD de 24 de agosto de 1961*. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/190-anos-do-parlamento-brasileiro/plinio-salgado_230861 [Acesso em: 01 mai. 2021].

Trindade, H. (1974). *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.